

### Necrópole cristã de Tavarez (Arcos de Valdevez)

O aparecimento, há já um bom par de anos, duns telhões (*tégulae*) num pequeno cabeço ou eminência de terreno ao pé da casa de Tavarez, freguesia de Padreiro, concelho dos Arcos de Valdevez, e nas vizinhanças do já notável<sup>1</sup> Castro do Cendufe, que se eleva imponente a Noroeste, foi a origem da descoberta dum pequeno cemitério antigo, porventura começado a povoar nos primeiros séculos da Idade-Média, à exploração do qual procedi e de que julgo não será inútil dar aqui notícia.

A disposição daquelas tégulas, que, segundo informação dada, estavam deitadas horizontalmente lado a lado umas das outras, fez-me suspeitar de que haviam feito parte duma sepultura no gôsto de muitas que têm sido encontradas pela extensa bacia do Lima. Sondando o terreno sôbre que jazeram, vi que era solo virgem, e concluí que, quando muito, as tégulas encontradas poderiam ter constituído o fundo do caixão que encerrara um cadáver, tendo desaparecido todo o resto misturado com a terra que durante séculos os instrumentos agrícolas foram revolvendo e dispersando. E torna isto muito mais provável o facto de que o declive, dêste lado do pequeno outeiro de Tavarez onde se realizou o achado, é muito suave, seguindo-se-lhe logo terreno cultivado numa pequena depressão, e depois pela encosta acima, até bastante altura, do Castro do Cendufe. O mesmo declive, há muito inculto no tempo do achado, podia noutras eras ter sido cultivado; e tanto se prestava a êsse fim que justamente ao começar a arroteá-lo de novo é que foram encontrados aqueles telhões que levaram à descoberta duma necrópole; após o que, não só a ladeira mas todo o cume do outeiro foi utilizado como terreno de cultura, embora só de espécies vegetais pouco exigentes de humidade.

Os outros lados são mais ou menos abruptos e na maior parte impraticáveis.

Pelas informações obtidas, as tégulas encontradas ao abrir-se uma cova para a plantação duma nogueira eram em número de cinco e todas tinham, nas faces dos rebordos e no lado da extremidade entalhada, marcas que procuro reproduzir o mais fielmente possível

<sup>1</sup> Vid. *O Arch. Port.*, XIII, 202.

na fig. 1, n.ºs 1 a 5. O n.º 6 era dum fragmento de tégula, encontrado em um campo, já fora do cemitério mas junto do outeiro. A planta desta presumida sepultura seria provávelmente a do es-

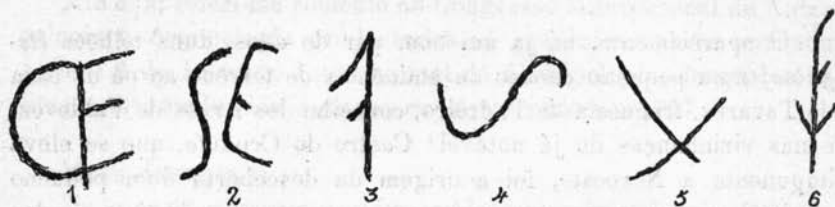


Fig. 1. — Marcas avulsas

queima da fig. 2, notando-se que cada tégula media aproximadamente  $0^m,62 \times 0^m,44$ , do que resultava um comprimento de dez palmos e uma planta rectangular, fora um apêndice triangular feito de pedaços de tégula. Despedaçadas como estavam todas as tégulas, sendo recentes algumas das fracturas, só uma delas pôde reconstituir-se.

Observando, pois, o local em volta, e como uma sepultura facilmente traz à mente um cemitério, causou-me espécie a configuração, não arredondada como era de esperar, mas sim intencionalmente

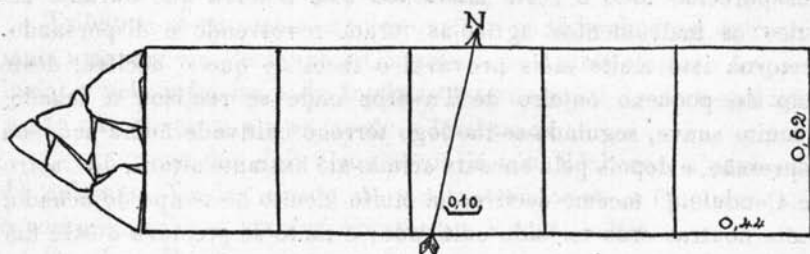


Fig. 2. — Planta da 1.ª sepultura

plana e quási horizontal, do vértice da pequena eminência de Tavarez. Podia muito bem aquele planaltozinho, dos seus  $400^m^2$  de superficie, ora inulto, num nivel de poucos decímetros acima da suposta sepultura de tégulas, ter sido em tempo aproveitado para qualquer cultura de sequeiro; mas também podia ter sido escolhido para um modesto cemitério proporcionado a algum grupo de habitantes que, descidos do castro após a forçada pacificação romana ou germânica, se fixasse cá por baixo definitivamente.

Para me tirar de dúvidas, e amavelmente autorizado pelos senhores da casa de Tavarez, os irmãos João e José Quesado Bacelar de Araújo, que para isso me facultaram pessoal e ferramentas, — pelo que, e por todas as gentilezas por essa ocasião recebidas,

aquí deixo consignado todo o meu reconhecimento a S. Ex.<sup>as</sup>—, em Abril de 1909 mandei abrir com cautela, à enxada, uns sulcos no sentido N.—S., calculando que houvesse sepulturas orientadas no sentido L.—O., como é sabido que acontece em cemitérios arcaicos.

Ao fim de poucos minutos, a profundidades que em geral não chegavam a dois palmos, começaram efectivamente a aparecer várias construções, ou sejam ao todo vinte sepulturas, constituídas na sua quasi totalidade por pequenas paredes laterais de 0<sup>m</sup>,30 a 0<sup>m</sup>,40 de altura, de pedra miúda, porventura para ali carregada lá de cima do castro, cujas casas circulares<sup>1</sup> já estariam há muito abandonadas e talvez em grande parte demolidas.

Eram estas sepulturas mais largas na parte correspondente ao tronco do cadáver, mais estreitas para o lado da cabeça, ao Poente, e ainda mais estreitas para os pés, a Nascente. Têm pois fundamentalmente a forma trapezoidal, com os dois lados maiores curvos. A fig. 3 dá-nos em escala o tipo geral de uma. Da superfície da terra até o fundo da sepultura mede 1<sup>m</sup>,25. A altura das paredes laterais de pedra era de 0<sup>m</sup>,45. Excepcionalmente tinha esta sepultura o fundo forrado de lascas de pedra, postas já depois das paredes laterais feitas.



Fig. 4.— Planta de sepultura fusiforme

Tem uma forma excepcional também a da fig. 4, em escala ou seja fusiforme. Altura das paredes 0<sup>m</sup>,33, profundidade total 1<sup>m</sup>,10.

De tampa de cada sepultura serviam algumas lâgeas de pedra, de dois, três e mais palmos de comprimento, atravessadas sobre as



Fig. 3.— Planta de sepultura trapezoide

<sup>1</sup> Não quero dizer que uma futura exploração deste majestoso castro nos não revele casas doutro feitio sem ser o circular, que lá se encontra à vista.

paredes e com as juntas geralmente tomadas a barro e bem calafetadas com rachas de pedra e cacos de tégula e de *imbrea*. Apenas uma das sepulturas era coberta por uma só lapa de cêrca de 2 metros de comprimento. Rigorosamente esta media: comprimento 1<sup>m</sup>,95; larguras, no meio 0<sup>m</sup>,50, na cabeceira 0<sup>m</sup>,44, nos pés 0<sup>m</sup>,30. As pedras das paredes laterais eram aparelhadas pelo lado interior.

Quási à flor da terra, sôbre poucas das sepulturas, encontraram-se umas fiadas de pedras a formarem uma pequena parede, disposta longitudinalmente, de metade do comprimento das sepulturas res-

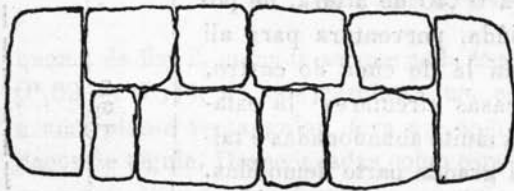


Fig. 5. — Planta da parede testemunha

pectivas. Removidas estas pedras e profundando um pouco mais na terra, topava-se logo com a tampa da sepultura. Baptizei estes aglomerados de pedras com o nome de «paredes testemunhas», pois me quis parecer que serviam de sinal para quem quisesse, com mais facilidade, encontrar o túmulo de algum ente querido, para lhe render qualquer homenagem ritual, ou para qualquer outro fim, como, por exemplo, para servirem de assento a alguma campa aparente. Represento na fig. 5 a planta destas paredes, que teriam 1 palmo de altura. Os pequenos silhares eram aparelhados nas faces exteriores e elas um pouco menos largas que pròpriamente as sepulturas. Em uma destas a respectiva paredinha estava intacta.

Outra das sepulturas tinha apenas, à profundidade de 0<sup>m</sup>,75, o fundo constituído por quatro tégulas postas ao comprimento, de tópo umas contra as outras, na extensão de 2<sup>m</sup>,15. Donde é lícito concluir que a sepultura cujas tégulas, como no princípio desta notícia referi, levaram à descoberta dêste cemitério, nenhum outro aparelho tivesse também, nem paredes nem tampa, sendo o cadáver depositado sôbre as tégulas que forravam o fundo da sepultura, embora estas estivessem colocadas lado a lado umas das outras, como já vi noutras sepulturas, e não de tópo. O facto de não encontrar no local, nem nos seus arredores, fragmentos de tégulas à superfície da terra, confirma-me nesta suposição.

A tampa duma outra sepultura era mixta: de pedras e de tégulas. A respeito destas tenho nos meus apontamentos: «duas tégulas partidas cada uma em dois pedaços, tortas e mal feitas».



É não só a tampa da mesma, mas também os lados eram mixtos, de pedras e tégulas; além disso era soalhada de tégulas, duas quasi inteiras e o resto fragmentos. Daquelas duas consta das notas tomadas que eram também tortas e empenadas e de forma trapezoidal; e mais consta, de uma observação consignada na mesma página dos mesmos apontamentos, que as tégulas trapezoidais encontradas nestas excavações tinham na extremidade mais larga uns  $0^m,02$  a mais de largura do que na extremidade oposta. É de supor que as tégulas irregulares e propositadamente partidas, não servindo para os telhados, eram aproveitadas nas sepulturas. Sem embargo, havia também algumas destas tégulas rectangulares no contôrno e trapezoidais dentro dos rebordos. Veja-se fig. 6, em escala. Havia-as também de  $0^m,62 \times 0^m,46$ .

Em todas estas sepulturas de paredes laterais de pedra é pois de regra os lados maiores do trapézio serem curvos, e não faz excepção a mais pequena delas todas, certamente de criança de poucos anos, pois mede apenas 1 metro de comprimento, maior largura (a cousa dum têtço da cabeceira)  $0^m,33$ , na cabeceira  $0^m,20$ , e aos pés  $0^m,10$ ; profundidade total 1 metro e altura das paredes  $0^m,24$ .

É tambem caso único o duma outra, de  $1^m,80$  de comprimento, cuja largura é igual na cabeceira e nos pés,  $0^m,25$ . À distância, porém, de  $0^m,40$  da cabeceira já mede a largura de  $0^m,45$ ; e como os lados são muito curvos, resulta que os vértices dos ângulos formados por elles com a curta recta da cabeceira são quasi insensíveis. Daqui à cabeceira da sepultura fusiforme da fig. 4 é bem pequena a distância.

Entre duas sepulturas, estava de pé um paralelepípedo muito regular e quasi todo lavrado à escoda, com estas dimensões:  $0^m,46 \times 0^m,43 \times 0^m,20$ . Uma das faces menores desta pedra era almofadada. Procederia do castro?

Deixo de propósito para o fim uma pequena sepultura, que em nada se parece com as outras na sua configuração, e que foi transportada para o Museu Etnológico com todas as suas peças (fig. 7).

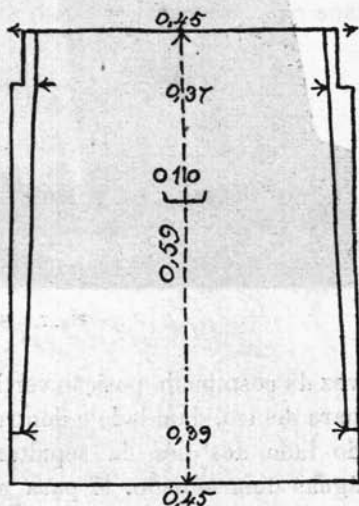


Fig. 6. — Esquema de tégula

É uma sepultura tectiforme, género não desconhecido dos leitores d-O *Archeologo*. O lastro era formado por duas tégulas e metade doutra, postas ao comprido, na extensão de 1<sup>m</sup>,58. As tégulas que constituíam os lados da sepultura (duas e meia de cada lado), em

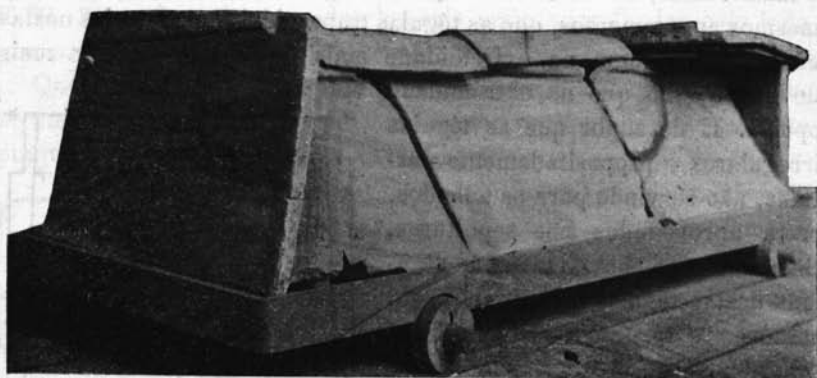


Fig. 7. — Sepultura tectiforme

vez da costumada posição vertical, estavam reciprocamente inclinadas para dentro, dum lado e doutro, encostadas superiormente, sobretudo do lado dos pés da sepultura, de modo que formavam as duas águas dum telhado. E para melhor ser a semelhança, rematava-as por cima um cume de telhas curvas (*imbrices*) e alguns cacos de tégulas. As testeiras eram também fechadas por tégulas, uma aos pés,

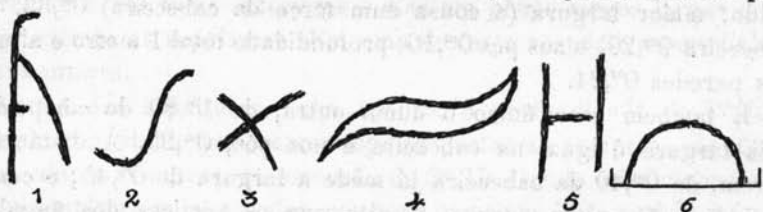


Fig. 8. — Marcas desta sepultura

inteira, posta de ilharga, e metade doutra à cabeceira. Compreende-se que, devido à grossura do cadáver, as ilhargas desta sepultura convergissem completamente para os pés e não chegassem a unir por cima do lado da cabeceira, e daí provirá que as *imbrices*, que eram duas completas, faziam o cume do lado dos pés, e uma tégula, que apareceu em pedaços, culminava com toda a sua largura o lado hianite da cabeceira. Em algumas tégulas desta sepultura vêem-se as marcas da fig. 8. A do n.º 6 tocava no bordo da tégula. Os *imbrices* têm dedadas ao longo.

E por sôbre todas estas sepulturas pesava apenas uma leve camada de terra, em que o tojo vicejava. E essa camada de terra, de menos de meio metro de espessura, foi o bastante para ocultar durante séculos, aos olhos de quem passasse, a existência duma pequena necrópole cujos restos não ocupavam mais do que uma área de  $10^m \times 15^m$ . É verdade que uma tradição antiga diz que no caminho por trás do outeiro de Tavarez aparecia dantes cousa má. Alguém me contou também que ouvira dizer que naquele sitio apreciavam por vezes, a bruxulear no escuro da noite, certas luzinhas frouxas e amortecidas ... Mas este conhecido fenómeno, que para os entendidos denota o apodrecimento de matérias orgânicas, para o vulgo significa quando muito almas penadas, sem implicar precisamente a idea de cemitério.

Uma observação, que se me impôs, foi a do esguio comprimento das sepulturas. Deixo mencionadas sepulturas de  $2^m,20$  e  $2^m,15$ ;  $1^m,90$  e  $1^m,88$ . Mas notei-as de  $1^m,83$ ;  $1^m,80$ ;  $1^m,70$ ;  $1^m,63$ ;  $1^m,56$  e  $1^m,00$ . Consumidos como estavam os esqueletos, não se pode conhecer a relação entre a estatura dos inumados e o comprimento das fossas<sup>4</sup>.

Por último, resta-me dizer que as sepulturas dêste cemitério só vagamente se podiam considerar dispostas em linhas ou filas. É mais seguro dizer que não obedeciam a alinhamento regular; antes estavam em grupos dispersos, às duas, às três, às cinco, e uma ou outra completamente isolada, olhando porém todas sempre para os lados do Oriente. Seriam aqueles grupos correspondentes a pessoas da

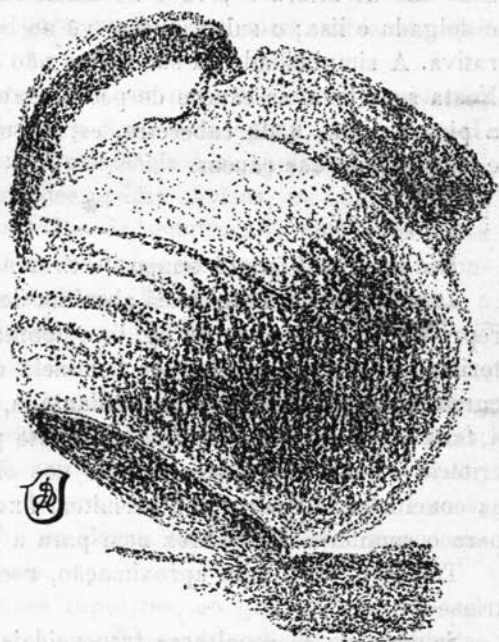


Fig. 9.—Vaso

<sup>4</sup> As plantas obedecem a escala.

mesma família? Em todo o caso, as nove primeiras exploradas pareciam ocupar 3 filas de 4, 3 e 2 jazidas.

Nem uma esquirola de osso! O que talvez agrave um tanto a idade desta necrópole. Do que observei, concluí que as sepulturas eram cheias de terra na inumação do cadáver.

Além das *tegulae* e *imbrices* o único espólio cerâmico é constituído pelo vasinho da fig. 9, encontrado no fundo de uma sepultura à direita do sítio, onde devia jazer a cabeça do cadáver. As suas dimensões dão de altura 0<sup>m</sup>,072 e no diâmetro do fundo 0<sup>m</sup>,060. A pasta é delgada e lisa; o sulco, que se vê no bôjo, não tem intenção decorativa. A simplicidade da sua forma não exclui uma certa elegância. Nesta sepultura, as cápeas de pedra eram inferiormente trabalhadas a pico e sobre a da cabeceira, estava uma tégula posta de cutelo e sobresaindo das cápeas.

\*

Da descrição feita é tempo de tirar as devidas conclusões.

Infelizmente, a falta quasi absoluta de mobiliário fúnebre, apenas representado pelo vaso da fig. 6, a pobreza e rudeza notável do material de construção, que nos denuncia uma povoação falha de recursos e de civilização pouco adiantada, e, ainda, subjectivamente, a falta de preparação técnica sufficiente para avaliar com o devido critério o valor dos dados que se nos oferecem, tornam duvidosas as conclusões a tirar e não permitem fixar uma época bem definida para o cemitério de Tavarez nem para a sua duração.

Tentarei, pois, uma aproximação, recorrendo a argumentos extrínsecos.

Sabido que as sepulturas trapezoidais só começam a ser usadas depois das invasões dos bárbaros<sup>1</sup>, é claro que não podemos recuar para além do século v da nossa era a existência do cemitério de Tavarez. É, pois, medieval e cristão; nem obsta a ser cristão a presença do vaso da fig. 6, pois são conhecidas as sobrevivências entre cristãos de costumes e usos pagãos, como por exemplo o da moeda metida no hábito do defunto para pagar a barca de Caronte<sup>2</sup>.

As sepulturas de Tavarez, porém, não são puramente trapezoidais, são ao mesmo tempo curvilíneas; e isto denota, a meu ver,

---

<sup>1</sup> Vid. *O Arch. Port.*, x, 17 sgs., onde o assunto é versado largamente e com a costumada proficiência do autor.

<sup>2</sup> Presume-se que estes vasos, nas sepulturas cristãs, contivessem água benta. O seu número de catálogo do Museu é 16:636.



um avanço já pela Idade-Média dentro; o que é corroborado pela forma e qualidade de várias das tégulas aparecidas, também trapezoides e de fabrico ordinário, e portanto já bastante afastado da época romana. Não sei quando começaram a permitir-se os enterramentos nas igrejas, a princípio proibidos pela autoridade eclesiástica. Se isto pudesse averiguar-se para esta região, teríamos determinado a época em que acabou o sistema de inumação usado no cemitério de Tavarez. Por outro lado, a ausência de qualquer espólio industrial, apenas com uma excepção, faz pender o critério cronológico das sepulturas para uma época mais tarda do que recuada.

Há um facto que me parece não ser para desdenhar e que vem talvez, no meu entender, ajudar a fixar uma época para as sepulturas curvilíneas de Tavarez: é a existência das sepulturas rupestres, quer em penedos quer em grandes pedras avulsas, em que aparecem por vezes também curvos os lados da sepultura, e não só os lados maiores, mas até um ou ambos dos lados menores, ajustados à configuração dos contornos do cadáver. Tenho encontrado dumas e doutras junto de antigas igrejas e ermidas românicas. Das primeiras são exemplo as escavadas na rocha viva, junto da capela de S. Abdão, na Correlhã, e a *pedra do lagar*<sup>1</sup> de Sanjamondes, em S. Pedro de Arcos, no concelho de Ponte de Lima. Das outras, conhecidas pelo nome do *carneiros*, há a sepultura de S. Ovídio, também em Ponte de Lima, embora os lados maiores sejam rectos, e as de Bravães, no concelho da Barca, uma em Sabadim, no concelho dos Arcos, e muitas mais.

Ora, sendo estas sepulturas rupestres, ao que me parece, contemporâneas das nossas igrejas românicas, é-me lícito perguntar se

<sup>1</sup> Vi esta sepultura em Novembro de 1909. Creio que não há publicada nenhuma notícia dela. As quatro esquinas do trapézio são perfeitamente redondas e os quatro lados sensivelmente curvos. A maior largura é à cabeceira, que mede 0<sup>m</sup>,55; aos pés 0<sup>m</sup>,35; comprimento 1<sup>m</sup>,76; profundidade no centro 0<sup>m</sup>,33. As paredes da escavação não são feitas a prumo; são côncavas, de modo que na boca a sepultura é mais estreita do que a meia altura. Tem um rebordo, em toda a roda da boca, bem saliente sobre o resto da superfície do penedo, e um orificio no sítio onde pousaria o calcanhar esquerdo do defunto. Do cimo do penedo até o fundo do caminho que lhe passa ao lado há a altura de uns 12 palmos. É conhecido o penedo pelo nome de *pedra do lagar*. Sanjamondes é o nome do lugar e nome de santo, cuja capela devia por lá existir, mas não averigui.

será grande atrevimento, não digo já fazer coincidir as duas épocas, mas ao menos aproximar, o quanto possível, a época em que se empregou o processo de inumação de Tavarez da época em que nasceram e se construíram tais igrejas, visto que há tantos pontos de contacto entre aquelas sepulturas e as do poliândrio de que me tenho ocupado.

Não devo terminar esta notícia sem agradecer aos Ex.<sup>mos</sup> Senhores Quesados Bacelares as facilidades de que me rodearam e, em nome da Direcção do Museu Etnológico, a generosa cedência da sepultura tectiforme e das outras tégulas avulsas. Aquela foi fielmente reconstituída no Museu com todo o material que lhe pertencia<sup>1</sup>.

Arcos de Valdevez, Santar, Novembro de 1928.

P.<sup>o</sup> M. J. da CUNHA BRITO.

Nota.— Os desenhos e fotografias são da autoria de F. Alves Pereira.

### O primeiro livro de registo da Academia Real da História

A seguir ao vol. II da correspondência da Academia Real da História, publicado n-*O Archeologo Português*, imprime-se ora o vol. I existente na secção de manuscritos da Biblioteca Nacional.

A respeito da data precisa da extinção da referida Academia, acho oportuno transcrever aqui as palavras do sábio Director do Museu Etnológico, como se encontram na nota 1 da p. 97 da *Nu-mismática em Portugal*:

«Não se sabe, ou não sei eu, ao certo a data em que acabou; todavia o P.<sup>o</sup> Bem ainda em 1794 apunha ao seu nome, no t. II das *Memorias Historicas*, o título de «Sócio de número e Censor da Real Academia», e este título pertence à Academia da História e não à das Ciências, como se vê dos que em 1748 e 1759, antes da fundação da nova Academia, usaram D. António Caetano de Sousa e Barbosa Machado, um nas *Provas da Historia Genealogica*, t. VI, o outro na *Bibliotheca Lusitana*. Se o título usado por Bem em 1794 não representa mera reminiscência do passado, e corresponde à realidade, temos em tal data um *terminus ad quem* na cronologia da Academia da História. Em todo o caso, ainda

<sup>1</sup> Veja-se *O Arch. Port.*, VIII, p. 58, n.<sup>o</sup> 7.